

## **“Nada é como era antes...”: processos sócio-culturais nos locais de origem de fluxos migratórios para a Itália.**

**“Nothing is like before”: cultural process and sociability in places of origin of international migration flows to Italy.**

João Carlos Tedesco\*

**Resumo:** O texto analisa a idealizada e, ao mesmo tempo, frustrada situação de retorno de imigrantes brasileiros provenientes, em geral, da Itália, aos seus locais de origem. Reflete sobre as migrações internacionais a partir do retorno, tentando demonstrar como as diferenças, as distâncias e as ausências físicas produzem outras fronteiras e são linhas de confins que vão demarcando existências individuais e grupais, culturais e territoriais. Busca, também, dar relevância à ideia de que é necessário perceber a imigração não só pelo local de destino, mas também pelo local de origem de quem já partiu.

**Palavras-chave:** migrações, retorno, cultura, identidade social.

**Abstract:** The text analyzes the idealized and, at the same time frustrating situation of Brazilian immigrants returning typically to Italy, to their places of origin. It reflects about international migration following repatriation trying to demonstrate how the differences, distances and physical absences create other boundaries and borders marking individual and group as well as cultural and territorial existences. Additionally it attempts to highlight the idea that it is necessary to perceive the immigration not only as a destination but also as a place for those who have previously left.

**Key words:** Migration; Repatriation; Culture; Social identity

### **1- Considerações iniciais**

---

\* Possui graduação em Filosofia pela Universidade de Passo Fundo, mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas, especialista em economia. Fez estágio de pós-doutoramento e de professor visitante na Universidade de Verona - Itália. Fez também pós-doutoramento na Universidade de Milão (Itália). Atualmente é professor titular da Universidade de Passo Fundo, nas áreas de Ciências Sociais e no Mestrado em História.

Antes de se tornar um imigrante, o migrante, é sempre e, sobretudo, um emigrante.  
(Sayad)

Compreender o imigrante como um sujeito sócio-cultural em movimento significa ir além de sua *finalidade* de imigrante, ou seja, de sua força de trabalho. Na realidade, a assimilação e/ou integração é algo muito caro para o imigrante, por isso há resistência em ambos os lados (o imigrante e a sociedade maior) (SACCO, 2007); são horizontes que *ganham vida* e produzem relações de difícil convivência.

Migrar é sempre um movimento físico no espaço e no tempo, mas não só, pois muita coisa se move junto; implica em desenraizamento e re-enraizamento, uma vida em dois universos que, jamais serão iguais e do mesmo jeito para quem os deixou e quem ficou (BAUMAN, 1999); há, nessa ação, separações, ritmos de vida, recomeços variados e criação de novas (situ)ações.

Nesse sentido, imigrantes incorporam uma consciência de um sujeito de *fronteiras* (RAMOS, 2003), ou seja, alguém que delimita e separa tempos, espaços, contextos, distâncias e vividos cotidianos; tornam-se também, em grande parte, de uma forma ou de outra, estranhos ao local de origem. Diferenças, distâncias e ausências físicas são processos sócio-culturais e linhas de confins que vão demarcando existências individuais, grupais e territoriais.

Desse modo, o presente artigo analisa alguns aspectos da imigração de brasileiros para a Itália a partir do local de origem, tentando compreender as implicações da ausência física, a distância do núcleo familiar, sua tentativa de recomposição, os processos de saídas, os vínculos que se constituem com a Itália, impressões em torno da Itália de quem retornou, desejos de pessoas do local em emigrar “como outros já migraram”.

Nossa pesquisa de campo foi realizada junto a algumas famílias (19 ao todo) onde havia imigrantes retornados nos municípios de Pato Branco e Dois Vizinhos (PR), Água Doce e Criciúma (SC) e em Veranópolis (RS), por serem locais de grande fluxo de saídas e onde tivemos melhores contatos e possibilidades de acesso. Utilizamos nosso período de férias acadêmicas (parte de julho e os meses de janeiro e fevereiro) em 2009 e 2010, bem como julho de 2011. Aproveitamos o conhecimento que já havíamos adquirido na Itália com imigrantes brasileiros dessas regiões e, sabedores de que, em geral, os mesmos retornam no final do ano e/ou em julho,

buscamos ir ao encontro das famílias dos mesmos a partir de endereços e telefones previamente fornecidos na Itália ou, então, no Brasil, via internet.

## 2 - Em direção à *pátria-mãe*.

A Itália é um dos países que sempre foi visto como de emigrantes; porém nos últimos 20 anos, já incorporou outra identidade: um lócus de imigrantes; é um dos países em que essa dinâmica tornou-se intensa em razão de processos econômicos, demográficos, geográficos, culturais, de legislação etc.; talvez seja um dos países que mais produziu polêmicas, situações que chamaram a atenção pública em torno do tema que utiliza muito a imigração como fato político-eleitoral.

Em 2010, o país já alcançou a casa dos 5 milhões de regulares, isso sem falar nos irregulares e ilegais que, acredita-se, ultrapassem a casa de meio milhão. Houve um aumento de 3 milhões no último decênio e de quase um milhão no último biênio. Com isso, significa dizer que é um país com dinâmica migratória intensa e de uma forma abrupta.

Segundo dados do Dossier/Imigrantes (de 2011), o Brasil contava, em 2010, com aproximadamente, 50 mil imigrantes (esse dado difere muito dos do Itamaraty que estipulavam em torno de 85 mil, pois os dados na Itália não contabilizam os que já possuem a dupla-cidadania, por não demandarem regularização em suas repartições públicas que tratam disso, como o fazem os outros); desse contingente, 72% é composto por mulheres, é uma das 190 nacionalidades presentes na Itália que possui o maior índice de mulheres. O trabalho em famílias, os vínculos com redes formais e informais que viabilizam circuitos migratórios do Brasil, a dupla-cidadania etc., auxiliam na explicação desse índice. As regiões de maior concentração de brasileiros são as mesmas da emigração em geral da Itália para o Brasil, ou seja, na Lombardia com em torno de 14, no Vêneto com aproximadamente 9 mil, no Piemonte com quase 7 mil e no Lazio em torno de 6 mil (CARITAS/MIGRANTES, 2011). A denominada "emigração de retorno" (aos descendentes) é expressão de uma identidade de "bons imigrantes"; em geral tende a ser auxiliada, beneficiada para retornar, pois são os considerados mais adaptados, os que, em teoria, terão melhor capacidade de assimilação para o trabalho, à *cultura italiana* etc. Como diz Kawamura (2003), esses *oriundi* acabam sendo uma população que atende às necessidades raciais e ideológicas de esfera política, das demandas do mercado de

trabalho como força barata, não qualificada e, de certa forma, controlada etnicamente.

### 3 - “De pé rapado” à filho próspero: planos e ambigüidades do retorno

São múltiplas as decisões, causalidades e intenções que envolvem e justificam as saídas, como também, são muitas as que promovem o retorno; ambas não são definitivas; causalidades de uma (saída) podem servir também para o outro (o retorno e a volta novamente ao país de imigração). Ambas constituem um processo amplo, próprio da realidade migratória internacional, a qual ganha cada vez mais contornos de uma imigração *transnacional*, ou seja, que liga, circula, alimenta e interage ambos os espaços.

Com as mobilidades, processos sociais e culturais vão se alterando em concomitância com a dinâmica das relações sociais e dos contextos onde elas ocorrem (HAMMOUCHE, 2007). Nesse *horizonte móvel*, reproduções variadas vão acontecendo, ou seja, espaço, tempo e as pessoas não se recompõem da mesma forma. Isso é difícil de conceber, tanto para o imigrante, em seus sonhos e expectativas de ida e retorno, quanto dos que ficam e que idealizam o sujeito que partiu.

O retorno demonstra ser uma denúncia e espelha a identidade do imigrante. Diz Sayad (2008), que o sujeito imigrante não é do lugar, não é seu lugar, não é sua casa; o “seu”, de seu pertencimento e vínculo está num outro ambiente; é um reclamo às origens, à condição inicial, àquela de emigrante antes de imigrante; é algo que implica numa concepção de tempo em que o futuro é redirecionado como se fosse um retorno a si mesmo, ao seu grupo, ou seja, uma retrospectiva pessoal. Segue o autor afirmando que o retorno é uma forma de fuga, da mesma forma como pode ser a partida; é uma forma de satisfazer a nostalgia, ainda que se saiba que o tempo da partida não é mais aquele e nem o espaço. Esse último, reconfigura-se com o tempo e com os sujeitos que se alteram nele.

Não podemos deixar de insistir no fato de que o projeto migratório tem uma grande conotação familiar (DECIMO, 2005); o retorno se constitui como resultado disso; *atrás* de imigrantes, em geral, há uma família, uma história mais ampla de relações, confrontos, obrigações e vínculos (HERRERA; CIRILLO, 2010); são raros os

imigrantes que decidem por conta própria deixar o local de origem ou de tentar uma aventura sem nenhum contato ou nenhuma referência que os mantém ligados ao local de onde partiram. Desse modo, é difícil perceber o fenômeno migratório sem romper com a visão dicotômica entre país de destino e de origem.

Os acordos produzidos entre os que saem e os que ficam exigem diálogos no interior das famílias, pressupõem muita confiança, ativação de valores morais e de horizontes da reciprocidade e solidariedade, bem como da lealdade, pois não é qualquer coisa que fica (podem ficar filhos, avós, pais, sogro/a, dentre outros), podendo haver, desse modo, fortalecimento dos papéis tradicionais de gênero, ou, então, intensa alteração nos mesmos. A regularidade do envio do dinheiro a quem fica é fundamental para o bom andamento dos acordos e obrigações (HERRERA; CARILLO, 2010, p. 78). Nesse sentido, há uma rede familiar que também é constituída e que se propõe a assumir funções, que, muitas vezes, é fortalecida pela situação de imigrante, ou seja, uma espécie de família alargada constituída em grande parte pelos parentes que, frente a uma situação de necessidade e de remuneração, lançam mão de práticas solidárias, hospitalidade e de possibilidade de ganhos, pois como nos disse uma imigrante na Itália, que diz sustentar a mãe e uma irmã que se separou, “eles acham que aqui ta o dinheiro, que temos a obrigação de auxiliar”.

Como diz Levinas (1980), é necessário reconstituir uma dimensão ética da hospitalidade, uma consciência de um destino comum e o sentido de responsabilidade que motiva a ação solidária ainda que isso represente sempre um risco, uma exposição, uma vulnerabilidade, “mais trabalho”, como nos disse uma avó em Pato Branco, “porque a nossa obrigação já se foi, mas é da família também, não é; criamos os filhos e os filhos deles, não é, [...], quem sabe eles se dêem bem lá e ficamos melhor nós aqui, não é”.

A idéia de retorno pode até revelar certa consciência de nacionalidade, pertencimento a um espaço, a uma família no interior dos cenários de origem; ou seja, uma expressão de que se tem vínculos e é para alguém que se trabalha (em geral, aos filhos). É uma oportunidade para fazer ver que o fato de ter abandonado o grupo e a família, não foi feito unicamente por total vontade própria e, sim, pelas condições objetivas de oportunidades econômicas abertas externamente e dificultadas internamente (no local). O retorno, no fundo, em grande parte das situações, é visto como compensação (AMBROSINI, 2008).

Em geral, os imigrantes brasileiros, ao partirem para a Itália, já projetam seu retorno ainda que de uma forma simbólica, compensadora e/ou reparadora (“pra pouco tempo”; “dois, três anos”, mas, na realidade, “sabia que ia ficar mais, assim acomodei a mulher e a filha, ah, e a sogra, essa acho que tinha mais medo de perder o genro do que a filha!”, disse-nos um recém-retornado em Água Doce (SC), ironizando, que, já programa seu novo retorno à Itália). O tempo é que varia em razão de uma multiplicidade de fatores que vão além das decisões individuais e das projeções e promessas *a priori* feitas, da legislação na Itália que se altera, comumente em detrimento aos imigrantes, da remuneração atual e da possível no Brasil, na possibilidade do reagrupamento familiar, da obtenção da dupla-cidadania e de relações afetivas que se constituem em ambos os lugares.

A terra de origem é o espaço idealizado para voltar; ou seja, o espaço, que no tempo da partida, não lhe estava satisfazendo, ganha, a partir de então, uma nova significação: torna-se importante e fundamental. Reativa-se o local de origem; ganha sentido a territorialidade vivida, talvez não de uma forma romântica, mas econômico-afetiva; enfim, de que forma for, demonstra ser ele funcional. “Eu quis voltar; na verdade, sempre pensei em investir aqui onde tenho os conhecidos, já tenho os freguês”, disse-nos uma cabeleireira em Dois Vizinhos (PR) que passou cinco anos entre Itália, Áustria e Inglaterra. Para essa, o local de origem tornou-se um espaço funcional, pois é nele que “já possuía freguês”, passou a fazer parte do seu projeto de vida.

#### **4 – “Eu queria me reencontrar...”. Estranhamentos e pertencimentos**

O retorno promove o reencontro de múltiplas dimensões. A grande questão é a concepção que se tem em relação a um conjunto de coisas, pessoas e de interações constituídas para esse reencontro. Em geral, é o próprio sujeito que quer se reencontrar, coligar-se com seus pontos de referências e de pertencimento, com o que estava próximo no ato da saída, com o que sentiu falta no decorrer da ausência, com os familiares e parentes. O tempo de imigrante é de desencontros em relação aos anteriores e em relação aos que o novo cenário produziu.

“Não adianta, o mais hoje ou mais amanhã pra cá retornam. Quem foi pra Áustria há mais tempo, alguns ficaram lá, montaram negócio e hoje levam gente daqui com trabalho seguro. [...], mas voltam. Meu

vizinho foi com toda a família nesses dias. Nessa rua tem no mínimo seis casas, só nessa quadra, de gente que montou isso por causa dos imigrantes; constroem aqui; sempre tem construção e apuram pra que quando voltam no final do ano esteja pronta. Casas novas com mobília de primeira, tu vê as piores casas são dos que não saíram, dos que ficaram. [...]. Vão, mas voltam, só que tem que voltar com o dinheiro né, senão vira chacota no bairro. [...] A primeira coisa que eles querem é das coisas que não puderam ter lá, uma boa feijoada, um arroz, visitar nas casas, um bom chimarrão, tudo coisa simples, até pra igreja vão". (Entrevistada de Guarapuava, esposa que tem marido que foi pra Áustria e Itália e que agora montou aviários em um sítio no meio rural da cidade).

Não é incomum o estranhamento ou o sentir-se estrangeiro muito mais em seu local de retorno. A distância sentida como imigrante pode ser tão intensa e problemática como a que pode ser produzida na situação de retornado. A palavra "acostumar" foi o que mais ouvimos.

"Tentei me acostumar"; "passei por tantas coisas, vou me acostumando"; "difícil de acostumar de novo"; "é o ritmo das coisas daqui, não acontece nada, tudo parece que anda devagar. [...] parece que falta alguma coisa, que não se está mais preparada pra viver aqui. Vi lá [na Itália] que me diziam isso os que retornavam e eu achando que estavam loucos, agora eu vi. [...]. Não tem como se acostumar mais aqui". (Fragmentos de narrativas de imigrantes retornados para Pato Branco).

A noção do "acostumar" tem haver com a idéia desenvolvida no início do texto de que a mobilidade produz movimentos. Na realidade, são duas dinâmicas de mundos que andaram com sentidos e intenções diferentes e que, agora, com o retorno, intencionam se reencontrar. Aí brotam os estranhamentos e as dificuldades de adaptação, de "acostumar", de quem saiu e voltou; não que o outro espaço estivesse estanque e que pessoas desse espaço também não tenham sentido estranhamento em relação a quem chega. A questão é que um está no lugar *dele*, o outro é o *outsider*, num horizonte de concepção assimilacionista (CANCLINI, 1997); o que chega é que deve se adaptar ao local. O local é, em grande parte, o mesmo, mas o tempo não o é mais, as coisas e as pessoas desse local alteraram-se junto com o tempo. Desse modo, novos vínculos sociais são demandados por ambos os envolvidos.

O ditado popular que diz que "quem sai do ar perde o lugar" é, em boa parte, evidenciado na realidade migratória. Imigrantes, ao retornarem, vivem a dupla identidade de fora de lugar em ambos os espaços ou, então, com um duplo pertencimento, porém, marginal em ambos, com "saudades nos dois lugares", como nos disse um imigrante que pretende voltar de novo para a Áustria – "estamos

sempre viajando, quem experimenta uma vez, difícil é de desistir daí”, torna-se, segundo o mesmo, um eterno imigrante, “quer sempre buscar um caminho novo, uma vida diferente, não se acomoda mais num lugar; a gente vira errante, parece que entra pelo sangue”.

A adaptação e a ausência de um e de outro (do imigrante e de seus familiares, amigos etc.) em razão da emigração, acabam marcando e impactando-se nos sujeitos e nos locais. O tempo e as condições do retorno também não dependem só do local onde o sujeito imigrante se re-estabelece; há fatores no país em que estava que também podem influenciar, dentre os quais, “uma telefonada de teu ex-patrão te pedindo pra voltar e te prometendo pagar mais” (disse-nos um imigrante em Pato Branco), melhoria nas próprias condições do país. “Eu voltei pro Brasil porque não encontrei melhor país naquele período, senão teria ido quando voltei dos Estados Unidos”, disse-nos um imigrante de Criciúma que já pretende voltar para o referido país. Por isso que a noção de retorno pode ser compreendida no horizonte da *transitoriedade*, ou seja, com as mesmas dimensões que alimentam o projeto emigratório.

## **5 – “Vim porque venci...”. Nostalgias e testemunhos**

Ilusão e desilusão são duas dinâmicas que não se separam por muito tempo. Um terceiro elemento é a nostalgia, ou seja, seu período de presença e seu longo período de ausência em ambos os espaços (origem e destino). Nunca podemos esquecer que são dois horizontes em ação, mas que se condensam num só, ou seja, nas interações do local de origem.

Retornar com dinheiro no bolso e progredir economicamente é, aos olhos de todos os que ficaram e aos próprios, possibilidade de poder dar um sentido à emigração, à própria ausência. Há necessidade do registro do reconhecimento e testemunho de quem ficou, para isso, é bom demonstrar isso, publicizá-lo através de aquisição e/ou construção de casa (é o mais comum, pois é imóvel, visível, identificável, quantifica publicamente o valor...), de carros, de terra, de montagem de pequenos negócios e serviços. Há uma mescla de fatores econômicos com simbólicos, bem como culturais nesse sentido.

“Eu tinha um amigo na Itália que era senegalês; lá, os homens que podem sair, deixam as mulheres com as sogras, fazem filho logo, daí

tudo fica amarrado. Eles daí vão pra Itália, trabalham que nem louco vendendo as coisas deles na rua, passam miséria, pra mandar dinheiro pra esposa ou pra mais de uma. Vivem fora 15 a 20 anos, uns até mais, visitam a família a cada dois anos ou três, daí fazem mais um filho. E assim vai. Eles fazem isso pra mostrar que são homens honrados, que trabalham pra suas esposas e família, vivem longe e se sacrificam pra família. Quando decidem retornar pra sempre já tão velho. É diferente nós aqui; retornamos e, dependendo da situação, ficamos onde saímos ou vamos pra outro lugar; são poucos aqui os que ficam, alguns aqui voltaram pra Itália e levaram a mulher também, muitos deixam os filhos por aqui mesmo". (Imigrante brasileiro de Dois Vizinhos; o mesmo havia permanecido quatro anos na Itália).

Não há dúvida que fatores culturais e sociais precisam ganhar centralidade nas análises das migrações internacionais e, em particular, quando da análise dos retornos. Optar por um retorno a um lugar distante do de origem (uma outra cidade fora do estado, uma capital etc.) pode ocorrer (ouvimos que alguns de Pato Branco e de Dois Vizinhos foram à Curitiba, de Caxias do Sul foram à Porto Alegre, de Criciúma foram à Florianópolis e Joinville), porém, não é a regra, ou melhor, não foi o que observamos. Investimentos posteriores ao retorno poderão acontecer com mais intensidade fora do local de origem, mas antes é necessária a presença nesse.

Insistimos na ideia de que o retorno ao local de origem é uma ação também de ordem moral, como obrigação; é uma experiência que integra e faz parte da vida do imigrante; aliás, ele só continua sendo imigrante se mantiver contatos e presenças com o local de origem; é um sentimento de pertença e de lealdade ao território que marca sua presença e identificação. A existência de territórios marca a vida do imigrante; o espaço migratório é um horizonte de múltiplas referências, porém, o espaço de origem tem um significado profundo, é o local onde se "bebe a água da fonte", como nos disse um imigrante ao se referir ao espaço do conhecimento, da identificação de brasileiro. Há muito romantismo e emotividade nessa concepção, porém, como nos disse uma imigrante, desejosa de retornar para ver seu filho de seis anos e há dois que não o vê, "é a nossa pátria-mãe, é de lá que viemos e pra lá que retornaremos, esse é o caminho da grande maioria daqui, pra não dizer da grande maioria dos imigrantes daqui da Itália".

"Meu pai pergunta sempre como é a Itália, dizia que seu pai, meu nono, queria ter voltado pra Itália, mas como? Com que dinheiro e pra ver quem? Os parentes se distanciaram. Na boca de meu pai é o nono que fala, pergunta disso, daquilo, como é isso; parece que meu pai parou no tempo como meu nono; a Itália não é aquela que eles

idealizam, essa já ficou pra trás há muito tempo, nem os italianos; se eles soubessem o que passamos e como somos tratados! [...]. Acho que eles são um pouco de nós também; a gente aqui também fica imaginando o que ficou lá, mas quando se retorna vê que não é mais o mesmo, que o local de onde viemos não é mais como pensamos; é tudo assim; é assim que eu vejo". (Imigrante brasileira, oriunda de Veranópolis, entrevistada na cidade de Bréscia, em 12 de setembro de 2011).

Em seu sentido prático e simbólico, a emigração pressupõe o retorno; esse ato imaginário não acaba com a chegada no país da imigração; o imigrante continua operando retornos imaginários e simbólicos. Alguns autores dizem que migrar pressupõe dois mecanismos: ruptura e confrontação (com o desconhecido ou não totalmente conhecido, como a língua, normas, alteridades, pertencimento etc.), aos quais se ajusta um outro que é a pulsão do retorno; implica em descobrir, saber-fazer, incorporar novas regras, remanejamentos ao nível subjetivo e familiar. "Não é uma simples adaptação linear, mas de clivagens entre "lá" e "aqui" (SAYAD, 2008). Desse modo, simbolicamente, o imigrante está retornando sempre, colocando as questões de seu lugar, de seu pertencimento, de "quando vai de novo"?

## 6 – "Uns chegam e outros saem". Atrações e redes

A satisfação do retorno para alguns pode ser incorporação do desejo de outros em seguir seus passos. Desse modo, as mobilidades vão ganhando dinamismo, os espaços vão sendo recompostos. Com isso, o local de origem e o de destino passam a ganhar conotações diferentes. Para uns não serve mais, para outros é o ideal; para uns é exclusão, para outros é inclusão; a insatisfação que uns tiveram anos antes com o local de origem, torna-se o sonho e projeto de vida e de investimentos agora; espaços deixados vazios por uns poderão ser preenchidos por outros em ambos os locais; algumas famílias recompostas com presença e outras redefinidas com ausências.

Desse modo, anéis de redes poderão se romper e/ou viabilizar novos laços, os que retornam poderão auxiliar os que saem em um conjunto variado de demandas no local de destino (indicação de trabalhos, moradias, informações do campo legal, cultural etc.). Porém, os que saem também poderão, com o tempo, servir de ponte e mediação aos que haviam retornado ao local de origem e que decidiram voltar para o país que estavam. Um imigrante, por ocasião de nossas pesquisas na Itália, disse-nos que

“Muitos dos que te dizem que voltam pro Brasil, ficam um tempo lá e sentem o salário que ganham trabalhando igual ou mais do que trabalham aqui, voltam, matam a saudade, ajeitam as coisas e quando tu vê tão aqui de novo; já cansei de ver isso. Aí sabe o que acontece? Querem achar o mesmo trabalho que tinham, aí se dão mal, talvez o trabalho que tinham foi já ocupado por gente da mesma cidade deles”. (Imigrante brasileiro, oriundo de uma cidade do Espírito Santo, há 6 anos circula pela região do Vêneto e por cidades da Áustria e Inglaterra).

Na Itália, uma brasileira entrevistada e que já havia uma vez voltado para o Brasil e permanecido cinco meses, disse-nos que “passei tanta dor de cabeça e não sabia por que; não tinha jeito de dormir, vivia ansiosa, dasacostumei totalmente, tava fora da caixinha; fora da Itália é que tu vai ver que não era tão ruim assim não, por isso to aqui de novo”. Pensamos que seja difícil interpretar essas ambivalências entre permanecer e voltar, entre a chegada, o desejo de voltar e o tempo elástico de permanência que se forma se não tivermos em mente a atração, o desejo e a racionalidade do dinheiro, inseridos no horizonte subjetivo da vida em meio à afetividade, nostalgia, saudade, família, os amigos, as redes no país hospedeiro e no espaço de origem que vão se constituindo, as alterações que vão acontecendo em todos. Há um conjunto amplo de fatores em que, para alguns momentos poderão ser dadas prioridades que para outros não são mais centrais.

Centrar a explicação num só aspecto não nos parece uma boa possibilidade de entender essas relações. Vimos na pesquisa de campo que há dificuldade de readaptação/ambientação do imigrante retornado em razão de remunerações baixas, expectativas frustrantes em termos das condições de vida e de possibilidades de empreender com os recursos já adquiridos pela emigração anterior, ausência de prestígio no interior do grupo de origem – voltar “a ser os daqui”. Há inúmeras preocupações e obrigações que principalmente esposos passam a ter com o retorno e que no processo migratório não havia. Alguns colocaram o argumento em torno dos filhos:

“melhor futuro”; “dar uma faculdade pra eles que aqui ta cara”; “aqui é muita violência, quero levar todos pra lá e vamos fazer nossa vida pra lá, já conheço bem a realidade lá, aqui é que ficou estranha e mais difícil pra mim, veja que o que parecia difícil já não é mais!”.

Por isso que na noção de retorno encontra-se uma decisão avaliativa dos objetivos previstos no início da saída e o seu alcance ou não; ele, em geral, exige

rearranjos, pois o real do cenário migratório não é tão previsível a priori. É comum que racionalizações aconteçam antes, durante e depois do processo migratório em relação ao retorno. Obtivemos respostas bastante unânimes em torno da decepção do retorno. Algumas delas se expressam na incapacidade de investimento no local de origem que traga bons resultados (pelo fato de ter investido e não ter dado certo), do salário baixo, da falta de trabalho, do convívio direto e próximo com problemas familiares (doenças, conflitos, problemas financeiros etc.) que, “de longe parece que não pesam tanto, tem alguém aqui que dá conta”. Outro interlocutor em Água Doce (SC) disse-nos que “a gente volta parece que cai um mundo em nossas costas”. O mesmo já pediu para o ex-patrão se daria para voltar na época da colheita da uva. Um imigrante de Luzerna (SC) nos disse que “a sede de investir, de aplicar o dinheiro em alguma coisa, pra render logo, já fez gente que voltou cheio de dinheiro pra cá e fez retornar de novo em situação pior do que quando foi antes”.

Não é incomum histórias de imigrantes que retornaram prósperos e ficaram mais empobrecidos que antes em pouco tempo.

“Se tu não sabes administrar ou escolher certo onde investir, o que tu levou quatro ou cinco anos pra ganhar, tu detonas em quatro cinco mês; pra nós aqui, não adianta o retorno do filho pródigo, ele tem de vir próspero”. (Narrativa de um pai que tem um filho há sete anos entre Itália e Áustria, mas que retornou duas vezes, decidido a ficar e acabou voltando novamente a ser imigrante).

Segundo o mesmo interlocutor, “já estou arrumando colocação pra ele voltar e ficar aqui de vez, não adianta ficar insistindo lá se não guarda dinheiro, tem de botá a cabeça no meio das orelhas e ouvir o pai dessa vez”.

Percebemos que muitos tiveram seus sonhos não realizados na Itália; julgam a emigração como frustração, outros retornaram por questões de ordem familiar, ou, então, porque foram expatriados, estavam irregulares, ou o trabalho que faziam acabou ou era de baixo rendimento, ou pelo desemprego na Itália. Imigrantes enfatizam a ideia de sacrifício, de dificuldade para obter dinheiro no cenário migratório. Por isso que, estando fora, acabam, então, re-idealizando o Brasil como espaço de retorno e de perspectivas futuras, “principalmente agora que todo mundo diz aqui que ta melhor e ‘o que temo fazendo aqui na Itália de novo’? É o que os italianos nos perguntam todo o dia; dizem eles, ‘é, o Brasil ta forte’”. Guardar

dinheiro, enviá-lo ao Brasil, contar com a possibilidade de alguém investi-lo, capitalizá-lo para viabilizar algo considerado pelos mesmos como potencialidade de investimento faz parte do cotidiano do imigrante

O retorno definitivo e a ruptura dessa intenção com a volta novamente para a Itália exercem também uma propaganda negativa da situação no Brasil para os que já estão fora, fazendo com que muitos repensem seu desejo de retornar ao país num curto intervalo de tempo.

### **7 – “O pessoal vai e vem”. Vidas pendulares.**

Vimos em pesquisa de campo em Santa Catarina e no Paraná, muito mais do que no Rio Grande do Sul, a “facilidade com que o pessoal vai e vem”; muitos adotam a estratégia de voltar ao país de imigração em períodos sazonais (colheita da uva com máquina, em período de forte trabalho de restauração de prédios e casas [inverno] e de temporada de turismo para atuar em restaurantes e sorveterias etc.) por um período que varia entre dois a seis meses. São estratégias que permitem que emigrados consigam aliar negócios e famílias, entre presenças e ausências em ambos os locais, manter vínculos que possam ser acionados em períodos estratégicos, tanto no campo financeiro, quanto na demanda por trabalhadores em determinados setores. A narrativa de um interlocutor de Luzerna (SC) é revelador desse *pendularismo*:

“Fui três vezes e voltei, mas acho que vou de volta ainda [prá Itália]. Aqui é bom, mas tem coisa braba, até pior do que tem lá. Se lá te tratam mal, aqui tem perigo, o que se ganha, se torra tudo; cidade pequena, tu sabe, gira pouco dinheiro, tu não pode arriscá fazer investimento. Acho que vou em período de colher a uva, fico lá uns quatro meses, trago uma boa grana e fico o resto aqui. Tem muito fazendo isso por aqui; os que têm filhos e esposas tão fazendo isso, mas muitas mulheres também, essas vão em período de turismo, no verão deles pra cuidar de idosos, já que os filhos saem de férias, ou nos restaurantes como lava-pratos; daí não tem maior envolvimento com a família, essa coisa de deixar filhos com avós e outros parentes, porque é tempo curto, né; mas tu tem que ta bem amparado lá, fazer um bom cartaz pra poder voltar sempre tanto com os italianos como com brasileiros. [...]. Tu sabe que o bicho pega pros dois lados, aqui não ta bom, mas nem lá, então, agente vai jogando e vendo o que ta melhor”.

Essa realidade tende a se firmar e produzir desejos de permanência por mais tempo no país, pois faz com que indivíduos passem a redefinir algumas relações que

os *prendiam* ao seu local de origem, produzir outras internamente com os recursos e as estratégias produzidas por eles e/ou adaptadas às já existentes (DIAS, 2006). É bom que se diga, também, que esses vínculos não são ausentes de conflitos, fator esse que pode também alterar os quadros de permanência. Não há dúvida que o regresso ao local de origem faz entrecruzar e avaliar mundos. A idéia do retorno do filho próspero, nem sempre acontece, pois dimensões múltiplas justificam o retorno e nem sempre esse é expresso pela prosperidade.

“Agora ele quis ir à Itália, tem muito aqui que vai da Áustria para a Itália e o contrário também. Não agüentou ficar muito tempo; aqui tem muita preocupação dizia ele, lá é trabalhar e mandar dinheiro. Aqui tem de trabalhar também, mas o ganho é pouco; ele se desconformou e daí voltou a ser marido e pai presente né. Ele disse que depois de sete anos fora não se acostuma mais aqui e quer trabalhar ainda mais um tempo fora e depois vai ver”. (Esposa de imigrante, meio rural do município de Água Doce, SC).

A dimensão, pelo menos em parte, de um sujeito *transmigrante* está em várias esferas da vida social, econômica, política, religiosa e cultural (AMBROSINI, 2010); é algo que é construído pelas relações sociais, pelos contextos que se produzem como imigrante e como não-imigrante; é uma dinâmica que também não é tão a priori planejada; é construída no interior de condições objetivas e de intenções e estratégias que se apresentam como possíveis para cada um ou grupo social.

Filhos também são sujeitos desse processo. Vimos que os mesmos incorporam dimensões múltiplas de sociabilidade, referências e racionalizações (ausência dos pais, são cuidados pelas avós e avôs, retorno de um ou dos pais, possibilidade de emigrarem e reagruparem na Itália e de voltarem junto com os pais). Em Criciúma conseguimos conversar com alguns adolescentes que haviam permanecido no local quando da emigração de seus pais ou de um deles. Alguns deles disseram que sentiam muita saudade “no início”, depois foram se “acostumando”; a temporalidade do “início” e a dimensão do “acostumar” foram muito enfatizadas por ambos. Um deles disse que depois que seus pais voltaram mudou muito, não tem mais a liberdade “que tinha”, que seus pais falam pouco de seu trabalho e de sua vida na Itália, “comentam lá de vez em quando, parece que não querem falar”. Um dos que conversamos nos disse que “é bem melhor agora com eles aqui, sim”. Dois deles disseram que seus pais “voltaram melhor, com mais dinheiro e que montaram

negócio”; quase todos nos disseram que se os pais retornarem para a Itália, querem “ir juntos”.

A dimensão das ausências, do estranhamento, das obrigações, é revelada pelos pais como preocupante:

“No início pra mim foi difícil me acostumar aqui viu; vi meus dois filhos já crescidos; como pretendia retornar, fiquei dois anos e meio sem vir, para poupar dinheiro. [...]. Eles estavam diferentes, nossa! [...]. Eles, ou eu, né, estávamos diferentes. [...]. Tu vê a ausência da mãe. Graças a Deus, eles foram bem cuidados pela vó, mas não é como a mãe; [...], depois a gente assume como mãe e eles não obedecem mais facilmente, tu não aguenta, não é. Esses dias eu conversava com uma vizinha que também voltou com toda a família, eles têm dois filhos adolescente, é a mesma reclamação, lá os filhos são revoltados, não obedecem os pais, eles estão renegados porque voltaram, não queriam, né. [...]. A mudança de lugar muda a gente [...], se acostuma como é o hábito do lugar não é; os filhos também é assim, depois, juntar tudo é difícil”. (Imigrante retornada e reagrupada aos seus filhos em Pato Branco).

São relações que vinculam temporalidades e intenções variadas. “Lá [na Itália] é bom porque o trabalho é mais valorizado, mas a vida é aqui, lá não se vive!”, continua a mesma interlocutora (entrevistada em Dois Vizinhos – PR), reconhecendo que, “nesse período de vida, tenho de trabalhar, por isso volto de novo”. Vimos em Urussanga e Criciúma, bem como em outras cidades do Paraná, alguns que retornaram à Itália, não conseguiram mais trabalho e voltaram novamente ao Brasil; outros, o contrário. Essas re-emigrações fazem parte “de quem já começou; eu to convencida que é só começar”, é um vício [...], deixa as pessoas mais independentes e com desejo de sempre tomar decisões” e, uma dessas decisões, é emigrar sempre. Sayad (1999, p. 60) diz que “o [imigrante] não é daqui, que ele não tem seu lugar aqui e que não é casa dele”.

Acreditamos que são produzidos confrontos de expectativas entre ambos os espaços, de origem e chegada. O difícil mesmo, como um retornado nos disse, é restabelecer tempos que ao passado pertencia, “é fazer voltar e ver o que não vi; não vi os filhos crescerem; meu tio que me criou morreu e não pude ir ao enterro; não fui no casamento de meu irmão; é tanta coisa que não vi e queria ta lá pra ver”. Lacunas entre tempos se formam e experiências são reinterpretadas e perspectivas alteradas.

Quando imigrantes retornam novamente ao país de imigração, redefine-se a representação do mito do retorno às origens étnicas; a lógica é outra, é a da maximização e racionalização. Nesse sentido, os vínculos culturais são

ressignificados; é uma nova emigração; “voltei com outra cabeça”, disse-nos uma imigrante em Verona, “estou aqui pra ganhar dinheiro”; não se idealiza mais a Itália como pátria-mãe, processo esse que faz reconstruir a identidade e “passar por experiências de ida e de volta”. A noção de “estrangeiro” pode se revelar no local de origem, ou seja, o imigrante pode se sentir um estrangeiro do/no e para o local. As (con)vivências em espaços e as (situ)ações concretas vividas em ambos podem produzir representações que se alteram no decorrer do tempo.

### **Considerações finais**

A realidade do retorno vai depender muito do que se passa no momento da migração, as condições concretas de vida econômica, afetiva, da sociabilidade, do “gosto pelo país”, do clima, das mudanças que se dão no contexto internacional e no país de origem e de destino. As relações sociais nesse horizonte decisório são amplas e dinâmicas, alteram-se e são reproduzidas. Se não há garantia de tempo de permanência no país de destino, o tempo do retorno também não é tão definido; a volta ao local de origem também pode não ser definitiva.

Percebemos mais homens retornados do que mulheres. Isso percebeu também Durand (2006, p. 176) em sua pesquisa. A mesma explica que “é possível que os processos de adaptação sejam mais efetivos e viáveis no caso das mulheres. Os homens se adaptam ao mercado de trabalho, porém as mulheres se adaptam ao ritmo e matizes da cotidianidade”.

O êxito do retornado induz novas emigrações de outros do local de origem, o contrário, também pode ser verdadeiro. Alguns brasileiros retornaram quando conseguiram documentos de permanência (visto de *soggiorno* [permanência] ou dupla-cidadania), pois os mesmos lhes permitem retornar à Itália quando lhes convier e/ou necessitar. Nesse sentido, a documentação possui uma dimensão prática de entrada e saída, permite gerenciar melhor a vida nos dois locais, inclusive negócios/investimentos e vida afetivo/familiar.

O retorno segue sendo tão importante e obedecendo lógicas que não se diferenciam das da emigração. Entendemos ser dinâmicas de um mesmo processo e que obedecem a lógicas expressas pelos próprios imigrantes e que se inserem no universo da potencialidade, ou seja, ele pode se acirrar tanto em situações negativas

(obrigações não cumpridas em relação aos que ficaram, alguém que migrou e não se adaptou, nostalgia, solidão, reprovação da decisão de sair, decepções, adversidades etc.), quanto em situações positivas (ganhou bastante dinheiro e necessita investir os recursos).

Desse modo, o retorno pode servir para acomodar uma situação, uma dívida reparadora, uma idealização, um resultado de uma experiência positiva que precisa ser otimizada no local de origem, um sentimento de pertencimento, nostalgias (*nostos*: retorno; *algos*: dor), obrigações, desejo de reencontrar o que e a quem deixou, o encontro com o espaço-raiz de sua existência. O retorno, como diz Mestre e Moro (2008), é uma espécie de um refúgio de uma situação de um passado recente, mas que pode ser atualizado em razão das mudanças de situações objetivas e subjetivas, de identificação identitária original.

Enfim, há um conjunto amplo e variado de situações, justificativas, explicações, racionalizações que acabam criando realidades de retorno, de volta ao país que emigrou antes, ou a outro. As situações são variadas e complexas, difícil é *encaixá-las* e agrupá-las em torno de algumas tipificações. As situações específicas revelam diferenciações, vínculos, integrações, sofrimentos, enfrentamentos etc., o que demonstra que os imigrantes passam a ser sujeitos de múltiplas relações sociais. Uns vão e outros voltam, muitos dos que voltaram, vão de novo, outros não retornam mais a ser imigrantes, e, assim, as realidades vão se alimentando por múltiplos fatores e heterogeneidades.

### **Referências:**

AMBROSINI, M. **Richiesti e respinti. L'immigrazione in Italia.** Come e perché. Milano: Il Saggiatore, 2010.

AMBROSINI, M. **Un'altra globalizzazione. La sfida delle migrazioni transnazionali.** Bologna: Il Mulino, 2008.

BAUMAN, Z. **Dentro la globalizzazione. Le conseguenze sulle persone.** Roma-Bari: Laterza, 1999.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos. Conflitos multiculturais da globalização.** Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

CARITAS/MIGRANTES. **Dossier statistico 2011.** Roma: Idos Edizioni, 2011.

DECIMO, F. **Quando emigrano le donne.** Bologna: Il Mulino, 2005.

DIAS, J. B. Projetos migratórios e relações familiares em Cabo Verde. In: **REMHU. Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**. Ano XIV, n. 26 e 27, Brasília, p. 23-54, 2006.

DURAND, J. Los inmigrantes también emigran: la migración de retorno como corolario del proceso. In: **REMHU. Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**. Ano XIV, n. 26 e 27, Brasília, p.167-189, 2006.

HAMMOUCHE, A. **Les recompositions culturelles. Sociologie des dynamiques sociales en situation migratoire**. Strasbourg: PUS, 2007.

HERRERA, G.; CARILLO, M. C. Trasformazioni familiari nell'esperienza migratoria ecuadoriana. Uno sguardo dal contesto di partenza. **Rivista Mondi Migranti**, n. 3. Milano, p. 63-83, 2010.

KAWAMURA, L. **Para onde vão os brasileiros? Imigrantes brasileiros no Japão**. Campinas: Unicamp, 2003.

LEVINAS, E. **Totalidade e infinito**. Lisboa: Edições 70, 1980.

MESTRE, C.; MORO, M. R. **Partir, migrer. L'éloge du détour**. Grenoble: La Pensée Sauvage, 2008.

RAMOS, P. S. **Hospitalidade e migrações internacionais. O bem receber e o ser bem recebido**. São Paulo: Aleph, 2003.

SACCO, G. Italia addio. Démographie et immigration. **Revue Française de Géopolitique**. Paris: Sorbonne, n. 17, p. 113-143, 2007.

SAYAD, A. **La Double absence**. Paris: Ed. Du Seuil, 1999

SAYAD, D. **L'immigrazione o i paradossi dell'alterità. L'illusione del provvisorio**. Verona: Ombre Corte, 2008.

**Recebido em Março de 2013  
Aprovado em Maio de 2013**